

RESENHA

COLLECTED PAPERS OF HERBERT MARCUSE¹, (MARXISM, REVOLUTION, AND UTOPIA)

Silvio Ricardo Gomes Carneiro²

“Look at the range of contributions collected here, in a volume that in a sense expresses the purpose of the entire opus: Marxism, Revolution, Utopia. Marxism as the tool, revolution as the means, utopia as the end.”

Peter Marcuse

Introdução: uma coletânea que renova

Chega ao último volume os *Collected Papers of Herbert Marcuse*, a coletânea organizada por Douglas Kellner e sua equipe de pesquisadores. Trata-se de um esforço que alimentou nos últimos anos a pesquisa sobre o pensamento de Herbert Marcuse, com a apresentação de novos materiais, raramente conhecidos pelo público brasileiro. Resulta de um projeto de longa data, sistematizado pela primeira vez na análise de Kellner, publicada em *Herbert Marcuse and the crisis of Marxism* (1984). Pois se trata disso: retratar a experiência marcuseana como uma resposta à crise do marxismo, quando este “pareceu perder seu lastro, não mais possuindo sua visão prática e teórica que poderia mapear o curso do desenvolvimento histórico e fornecer diretrizes políticas concretas”.³ Não obstante tal obsolescência das categorias primárias do marxismo, Marcuse concebe novas linhas capazes de restaurar as bases materialista-históricas da teoria crítica. Portanto, não se trata de uma análise que rejeita o marxismo, mas o coloca no tempo histórico em compasso com a ordem social,

¹ Resenha do texto: MARCUSE, H., *Collected Papers of Herbert Marcuse*, vol. 6 (Marxism, Revolution, and Utopia), Douglas Kellner and Clayton Pierce (ed.), New York: Routledge, 2014.

² Silvio Ricardo Gomes Carneiro é doutor em Filosofia pela FFLCH/USP, com a tese “Poder sobre a vida: Herbert Marcuse e a biopolítica”, membro-pesquisador do LATESFIP/USP (Laboratório de Teoria Social, Filosofia e Psicanálise da Universidade de São Paulo) e do Grupo Nexos: Teoria Crítica e Pesquisa Interdisciplinar – Sudeste”, com sede na UFABC. E-mail: silvio_carneiro@yahoo.com.br

³ KELLNER, *Herbert Marcuse and the crisis of Marxism*, p. 8.

cujas contradições Marcuse procura superar. Como bem lembra Koselleck⁴, a crise é uma abertura para a crítica e, nesse sentido, a experiência marcuseana no que diz respeito ao marxismo passa a ser um exemplo fundamental.

Nesse sentido, a jornada traçada pelos *Collected papers* não é mero acúmulo de inéditos, mas uma elaboração desta experiência crítica sobre a crise do marxismo, uma coleção que renova. Compor tal retrato não é uma tarefa simples se lembrarmos que a vida intelectual de Marcuse atravessa o século: seguindo da República de Weimar até o início do neoliberalismo dos anos 1970, passando pelo nazismo da Alemanha e pelos anos mais duros da Guerra Fria. No entanto, esta miríade se apresenta nos seis volumes dos *Collected Papers* em consideração às diversas circunstâncias com que o pensamento marcuseano se depara: *Technology, war, and fascism* (vol. 1)⁵, *Towards a Critical Theory of society* (vol. 2), *The New Left and the 1960s* (vol. 3), *Art and liberation* (vol. 4)⁶, *Philosophy, Psychoanalysis, and emancipation* (vol. 5)⁷ e, *last but not least*, o atual *Marxism, utopia, and revolution* (vol. 6). Já na apresentação do título desses seis volumes, é possível notar as diferentes articulações pelas quais Marcuse passa. Não apenas o marxismo acima comentado, mas também as artes, o destino da teoria crítica, a experiência do nazismo, a psicanálise, bem como os movimentos da *Nova esquerda*.

Além disso, nesse percurso organizado por Kellner e sua equipe, é possível dizer, ainda, que os documentos coletados lançam novas luzes à obras de Marcuse aparentemente datadas como *Soviet Marxism* (1958), *Eros and civilization* (1955), *One-dimensional man* (1964), ou mesmo, *The Aesthetic Dimension* (1978). Não apenas pelo fato de que hoje a realidade da Guerra Fria sofrera alterações com a queda do Muro de Berlim, nem pela psicanálise de 1955 ser apenas um dos inúmeros retornos a Freud; ou ainda, é possível dizer que o estado neoliberal há muito engolira os pressupostos do Estado de bem-estar social que configura a sociedade unidimensional. Sem falar de como o desenvolvimento de nossa sensibilidade passa a se distanciar das potencialidades crítico-estéticas traçadas no último livro de Marcuse. Contrariando esta tendência à obsolescência, os *Collected papers* configuram uma nova possibilidade de releitura sem o prejuízo do tempo: neles, estão contidas as diferentes interlocuções de Marcuse apresentadas em diferentes maneiras: entrevistas em rádios e jornais, troca de correspondências, conferências, falas públicas, bem como fragmentos de apresentações.

⁴ V. KOSELLECK, *Crítica e crise: uma contribuição à patogênese do mundo burguês*.

⁵ Traduzido em português com poucas alterações em MARCUSE, *Tecnologia, guerra e fascismo*.

⁶ Ver a resenha BRETAS, A., “Resenha: *Collected Papers of Herbert Marcuse. Art and liberation*” in *Trans/form/ação*, vol. 30, n. 2, Marília, 2007. No site http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-31732007000200018&script=sci_arttext (visitado em 20/05/2015).

⁷ V. nossa resenha em CARNEIRO, Silvio. “Resenha – *Collected Papers of Herbert Marcuse. Philosophy, Psychoanalysis, and emancipation*” in *Cadernos de ética e filosofia política*, n. 20, pp. 185-193.

Todos estes materiais passam a ter valor inestimável para renovar o campo de investigação marcuseano. Pois, no fim das contas, eles recuperam o lugar de onde os grandes textos do autor são extraídos, quais polêmicas os envolvem, que perspectivas (muitas vezes cifradas na forma do livro) o autor assume. Em extrema sintonia com as grandes obras, as peças encontradas nos *Collected papers* sublinham a letra e o espírito marcuseano de maneira mais articulada, apresentando-nos as possibilidades de interpretarmos Marcuse à luz dos embates de seu tempo, e assim, lançar dúvidas sobre as contradições de nosso próprio tempo presente. Nesse sentido, os *Collected papers* são uma coleção de artigos que renova a pesquisa sobre o autor.

1. Marxismo, utopia e revolução

De todos os volumes apresentados, seria este sexto volume aquele que apresenta mais diretamente a perspectiva marcuseana diante da crise do marxismo, descrita acima por Douglas Kellner. Contudo, não se trata meramente de diagnosticar a crise e sistematizá-la. Marcuse leva esta situação às últimas consequências: considera seus limites, suas possibilidades, suas contradições e sua materialidade no campo de lutas. Fazê-lo, permite compreender não apenas a experiência marcuseana em relação a seu próprio tempo, como também em relação ao nosso horizonte de expectativas. Às portas do que hoje conhecemos como neoliberalismo e sua marcha contrarrevolucionária em resposta aos polos de oposição da Guerra Fria, a teoria crítica marcuseana permaneceria atual. De acordo com Kellner e Pierce, o modo como

Marcuse imaginou a mudança social revolucionária em contextos contrarrevolucionários é altamente relevante no estágio neoliberal do desenvolvimento capitalista que agora enfrenta o desafio de criar alternativas às sociedades capitalista e imperialista.⁸

Não se trata aqui de transpor os problemas enfrentados por Marcuse como se fossem imediatamente os nossos. O trabalho do editor aqui passa a ser cuidadoso, pois a escolha dos textos publicados no volume é a possibilidade de apresentar a gênese dos problemas e, nesse sentido, operar uma perspectiva marcuseana que ainda se mantém viva em nosso tempo. Decerto, o último volume da série se organiza por esta inquietação. Estratégia expositiva que não apenas apresenta o pensamento do autor, como também a força que o sustenta para nossa experiência. Nesse sentido, a trajetória indicada pelo volume é extremamente bem sucedida.

⁸ KELLNER & PIERCE, “Introduction: Marcuse’s Adventures in Marxism” in MARCUSE, *Collected Papers of Herbert Marcuse: Marxism, revolution, and utopia*, vol. 6, p. 3.

São cinco partes centrais, dentre as quais notamos a jornada marcuseana em direção ao nosso tempo. A primeira parte, “Studies in Marxism”⁹, organiza textos centrais, desde os primeiros contatos de Marcuse com o marxismo até debates de ordem mais teórica com o marxismo. Em seguida, “Marxian interventions”¹⁰ procura apresentar as diversas intervenções de Marcuse no debate com o marxismo de seu tempo: a novidade cubana, o humanismo e o anti-humanismo, os movimentos feminista e negro, os estudantes, bem como diálogos com os técnicos cientistas. Nessa mesma parte, estão presentes algumas reações ao marxismo de Marcuse: como uma ameaça de morte anônima e um relatório preparado pelo FBI sobre *An essay on liberation* – documentos aparentemente laterais, mas que demonstram bem o clima a que estavam sujeitas as intervenções marxistas de Marcuse. Um terceiro momento, “Lectures and interviews on Marxism, Revolution and the Contemporary”¹¹, é dedicado à conferências de impacto (algumas estruturadas de forma fragmentária, outras na íntegra), bem como entrevistas. Aqui, Marcuse deixa de ser o estudioso de Marx e passa a ocupar um lugar mais central nos debates que culminam em 1968: trata-se da construção da figura de Marcuse como intelectual da *Nova esquerda*. A quarta parte (“Letters, testimonies, and responses to critics”)¹² é, em grande medida, uma reação à parte anterior. Na verdade, aqui Marcuse está entre os seus mais próximos interlocutores – mesmo quando a crítica que lhe é dirigida passa a ser mais dura, quando a figura do homem público passa a ser desconstruída. Por fim, “Marxism and Revolution in

⁹ Com os textos: “Review of Karl Vorländer’s *Karl Marx: sein Leben um sein Werk*”, “Value and exchange value”, “Recent literature on Communism”, “Dialectic and Logic since the War”, “Supplementary epilogue written in 1954 to *Reason and revolution*”, “Preface to Raya Dunayevskaya’s *Marxism and freedom* (1958)”, Review of George Lichtheim’s *Marxism: an historical and critical study*”, “Humanism and humanity”, “Epilogue to Marx’s *18th Brumaire of Louis Napoleon*”, “Afterword to Walter Benjamin’s *Critique of violence*”, “The concept of negation in the dialectic”, “The history of dialectics”.

¹⁰ Com os textos: “Marcuse on Cuba”, “The emancipation of women in a repressive society: a conversation with Herbert Marcuse and Peter Furth”, “Socialism in the developed countries”, “Socialist humanism?”, “The obsolescence of Marxism”, “Revolutionary subject and self-government”, “Re-examination of the concept of revolution”, “Rat Marcuse”, “Letter from Inge Marcuse to chancellor William J. McGill with comments by Herbert Marcuse”, “FBI report on *An essay on liberation*”, “Angela Davis and Herbert Marcuse”, “Conclusios on science and society”, “The true nature of tolerance”.

¹¹ Com os textos: “Marxism confronts advanced industrial society”, “Obsolescence of socialism”, “The end of utopia”, “Discussion between Herbert Marcuse and Peter Merseburger”, “Herbert Marcuse: philosopher of the New Left”, “Varieties of humanism: Herbert Marcuse talks with Harvey Wheeler”, “Revolution 1969: discussion with Henrich von Nussbaum”, “ACLU conference: May 21 1969”, “Interview with Pierre Viansson-Ponte”.

¹² Com os textos: “Letter to Max Horkheimer”, “Correspondence with Raya Dunayevskaya” (1957 e 1961), “Preface to Franz Neumann, *The democratic and authoritarian state*”, “Soviet theory and practice”, “Letter to Karel Kosik”, “A tribute to Paul Baran”, “On changing the world: a reply to Karl Miller”, “*The Guardian*, reply to critics”, “The dialectics of liberation and radical activism”, “Commentary on Henry Kissinger”, “Correspondence with Rudi Dutschke”, “Jürgen Habermas, letter to Herbert Marcuse”

an era of counterrevolution”¹³, a saber, a presença de Marcuse na década de 1970, quando seu pensamento é mais próximo de nosso contexto.

Dessa maneira, podemos notar a mão dos editores que aproxima cuidadosamente Marcuse das nossas inquietações. “Mão invisível” que fala através dos idiomas dos textos, escolhidos de modo a apresentar uma narrativa que atravessa o século, de modo a apresentar de maneira crítica um intelectual como Herbert Marcuse. Nesse sentido, Douglas Kellner e Clayton Pierce (bem como as fundamentais notas do tradutor Charles Reitz) conseguem não apenas narrar a história que constituiu a figura pública de Marcuse nos anos 1960, mas também fazer uma leitura à contrapelo, situando Marcuse no debate de seu tempo. Com efeito, o resultado é a apresentação da justa medida desta figura que ainda tem muito a nos dizer. A partir disso, gostaria de tecer algumas considerações.

2. Estudos no marxismo

Os textos apresentados na primeira parte alargam o debate que Marcuse trava com os conceitos centrais do marxismo. O período de publicações aqui é extenso: de 1929 a 1972. E a natureza dos textos aparentemente também: resenhas, prefácios, epílogos, verbetes enciclopédicos e alguns poucos artigos originados de conferências. O que organiza esta variação é, certamente, as respostas que Marcuse confere à crise do marxismo, em seus diversos momentos. São textos que buscam a interlocução e a crítica com as mais variadas frentes do marxismo, fundamentais para compreendermos o que Bento Prado Jr. denomina “paradoxal ortodoxia” de Marcuse.¹⁴ Pois nas dificuldades que encontra na experiência da “crise do marxismo” vivenciada por cada um dos seus interlocutores, nosso autor apresenta as articulações variadas de seu marxismo com a fenomenologia ou com a psicanálise. É nos limites destas interlocuções, ou mesmo nos avanços que algumas delas propõem, ou ainda, na letra do próprio Marx, que Marcuse encontra subterfúgios para associar ideias e avançar as fronteiras postas por um pensamento em crise. Prefácios, resenhas e epílogos passam a ser pequenos estudos de esclarecimento da atual situação do marxismo e seus impasses.

Parece pouco, mas não é: pois estas peças tornam mais complexas as relações, de modo a evitar simplismos comuns entre intérpretes e críticos de nosso autor. Tomemos o caso apresentado pela conferência “Humanism and humanity”. Trata-se de uma

¹³ Com os textos: “Marxism and the new humanity: an unfinished revolution”, “Interview with *Street Journal* & *San Diego Free Press*”, “Marx and Para-Marx on capitalist contradictions”, “*Le monde diplomatique*”, “An interview with Herbert Marcuse by Gianguido Piani”, “Herbert Marcuse in 1978: an interview by Myriam Miedzian Malinovich”, “The reification of proletariat”, “Protosocialism and late capitalism: toward a theoretical synthesis based on Bahro’s analysis”, “A conversation with Herbert Marcuse: on pluralism, future, and philosophy”, “Herbert Marcuse lead by Bill Rater”.

¹⁴ PRADO Jr., “Entre o Alvo e o Objeto de Desejo: Marcuse, Crítico de Freud” in *Filosofia e Psicanálise*, p. 40.

interessante reflexão sobre os projetos marxistas-humanistas dos fins dos anos 1950 os quais Marcuse considera “em naufrágio”.¹⁵ Perspectiva que contrasta com certa noção antropológica desenvolvida por Kellner, quando analisa o freudo-marxismo de *Eros e civilização* e indica seus limites, uma

falha na antropologia de Marcuse ao levar em conta o papel da comunicação na experiência humana e ver o domínio da interação simbólica como uma dentre outras projeções do desejo e da fantasia. O problema, afirmo, é também uma profunda dependência da teoria das pulsões de Freud enquanto revelação do núcleo da natureza humana.¹⁶

É bem verdade que críticas como essa desaparecem aos poucos nas introduções que Kellner prepara em seus *Collected papers*. Sobretudo no volume dedicado à psicanálise, a teoria das pulsões seria uma das principais articulações entre Marcuse e o debate da biopolítica.¹⁷ Mudanças de perspectivas que, muito provavelmente, são efeito do encontro de Kellner com tais textos. “Humanism and humanity” é um exemplo desta chave de leitura complexa. Pois é com a marca dialética que Marcuse lança sua leitura sobre o humanismo falido e Freud, particularmente, se mostra fundamental. Diante das ruínas do humanismo esclarecido, que apenas reforça a ordem repressiva e o signo da elite, seria o psicanalista aquele que elabora um processo humanista, ao ouvir o sofrimento da humanidade. “O aumento do padrão de vida aumenta a preparação para a guerra; a população cresce simultaneamente com o genocídio; vôos espaciais e agressividade nacional seguem de mão em mão. Isto é Freud.”¹⁸ É nesse quadro que a teoria das pulsões se insere e não em uma subjetividade interiorizada diante da ausência do sujeito revolucionário das classes, a qual Kellner lamentava inicialmente. É a escuta psicanalítica que faz de Freud (ainda sob críticas de Marcuse) um humanista modelo. Em contraste com a politização do humanismo em instituições como a ONU, nosso autor sabe que os “humanistas não são bem-vindos em nenhuma organização política contemporânea. Hoje, a tarefa do humanista é primeiro e antes de tudo discernir e comunicar o que está

¹⁵ “O humanismo, em sua forma tradicional, naufragou. (...) Hoje, o conceito de humanismo não adequado a esta tarefa [do esclarecimento]. A principal fraqueza do humanismo tradicional foi sua insistência na educação da humanidade em um sentido de interioridade humana, [educação] relativa a um certo estilo de vida que era acessível a uma elite apenas” MARCUSE, “Humanism and humanity”, *Collected papers...*, vol. 6, p. 110.

¹⁶ KELLNER, *Herbert Marcuse and the crisis of Marxism*, p. 195.

¹⁷ V. KELLNER, PIERCE & LEWIS, “Introduction: Herbert Marcuse, Philosophy, Psychoanalysis, and emancipation” in MARCUSE, *Collected papers of Herbert Marcuse: philosophy, psychoanalysis, and emancipation*, p. 53. Ver também nossa resenha: CARNEIRO, “Resenha – MARCUSE, Herbert. *Collected papers of Herbert Marcuse: philosophy, psychoanalysis, and emancipation*”.

¹⁸ MARCUSE, “Humanism and humanity”, p. 109.

acontecendo.”¹⁹ Tarefa que se encontra em muitos territórios, dentre os quais, a escuta psicanalítica.

3. Intervenções marxianas

Outro aspecto que os textos desta coletânea renova é a composição da figura pública do intelectual engajado. Pois, diante da miríade de posições com que se defronta, Marcuse afirmar-se como marxista não é de modo algum uma tarefa auto-evidente. Afinal de contas, o que significa assumir uma tradição que ele próprio reconhece em crise? Em primeiro, Marcuse evita toda e qualquer forma de “reificação do marxismo”.²⁰ Ou seja, nosso autor – embora dialogue com diversas tendências – não considera que a saída da crise esteja na filiação a um ou outro modelo de marxismo. Partir deste princípio significa cair no modelo de pensamento que critica: a reificação das categorias marxistas da revolução, do proletariado, da dialética (o que significa, em matriz crítica benjaminiana, retirar estes elementos do processo histórico e depositá-los em um agora que nunca vem).²¹ Além disso, tal afirmação também não significa que Marcuse configure seu pensamento como a matriz de uma V ou VI Internacional. Em diversas entrevistas ou cartas deste volume, ele ironiza o pedestal que lhe preparam de “pai” ou “avô” da *Nova esquerda*.²² Ele sabe que os tempos são de mudança, mas não sopram ares de revolução.

De outro modo, assumir-se um marxista num contexto de crise desta tradição implica no “reexame” do conteúdo histórico e dialético de seus elementos. De acordo com

¹⁹ MARCUSE, “Humanism and humanity”, p. 110.

²⁰ Trata-se de um moto-contínuo deste volume, espalhado nas diversas partes, sobretudo em artigos que debatem mais diretamente o marxismo soviético. Na parte I, ver “Dialectic and logic since the war” (1955). Na parte II, “Obsolescence of Marxism” (1967) e “Re-examination of the concept of revolution” (1969). A parte III é praticamente povoada por este problema. Na parte IV, dedicada às correspondências e testemunhos, o tema aparece na troca de correspondências com Raya Dunayevskaya (tradutora de Lênin para o inglês e autora de *Marxism and freedom*, livro prefaciado por Marcuse) e Rudi Dutschke (ativista estudantil alemão próximo dos frankfurtianos, de quem Marcuse retira a estratégia da “longa marcha nas instituições”) e também na resposta *Soviet theory and practice*, dirigida às críticas do resenhista Alex Inkeles, publicada na revista *Partisan review* (1958). Por fim, na parte V, sugerimos a conferência de Marcuse para a *American Philosophical Association Convention*, “The reification of the proletariat” (1978), bem como a última publicação de Marcuse, “Protosocialism and late capitalism: toward a theoretical synthesis based on Bahro’s analysis” (1979), em que apresenta uma interpretação das teorias do dissidente alemão-oriental Rudolph Bahro, em busca de novas bases para a revolução para além do proletariado.

²¹ Algo bem próximo ao que Paulo Arantes desenvolve, quando percebe como os problemas de uma governabilidade de partidos de esquerda passam a se regular pelo tempo da emergência em um horizonte de expectativas cada vez mais reduzidas. V. ARANTES, *O novo tempo do mundo e outros estudos sobre a era da emergência*.

²² V. “The dialectics of liberation and radical activism: an exchange of letters between Herbert Marcuse and Leo Löwenthal” (1967) e a entrevista dada a Tom Pettit, “Herbert Marcuse: philosopher of the new left (KCET, May, 1968)”, ambos em MARCUSE, *Collected papers...*, vol. 6.

Marcuse, “um reexame e mesmo uma reformulação da teoria marxista não pode simplesmente significar um ajuste desta teoria aos novos fatos, mas deve proceder como um desenvolvimento interno e crítico dos conceitos marxianos.”²³ Nesse sentido, é importante um conjunto de textos do autor, em grande parte inéditos ao público brasileiro, a respeito dos temas da dialética – uma preocupação constante no pensamento marcuseano.²⁴ Podemos pensar aqui com Ruy Fausto, e associar a crise do marxismo à crise da dialética, dois movimentos muito próximos, porém não necessariamente idênticos. Parece que a ferida dialética é mais profunda. Fausto chega a afirmar que “a dialética vai mais longe do que o marxismo, que não haverá novos marxismos, mas que pode haver novas dialéticas.”²⁵ É provável que Marcuse faça tal dissociação de outro modo, mas compreende o risco promovido pela dialética em crise. Nesse sentido, Marcuse concorda com o convite de Fausto:

Pensemos em todos aqueles discursos que empregam o termo ‘dialética’ sem fazê-lo corresponder a um objeto constituído de maneira rigorosa. A dialética, sem dúvida, não se sabe mais o que ela é, mesmo e sobretudo se se emprega o conceito – ou se o empregava – como se se soubesse muito bem.²⁶

Eis a crise da dialética que, na gramática de Marcuse, se apresenta como uma possibilidade de se tornar uma “panaceia”²⁷ ou mesmo, anos mais tarde, como presente na “paralisia da crítica”, descrita em *One-dimensional man* como o momento em que as oposições passam a ser integradas.²⁸

Em termos marxistas, isso significa dizer que a luta de classes, embora fundamental para a mudança social, deslocou ou mesmo perdeu sua potência negativa, seu caráter de resistência, quando a sociedade industrial avançada organiza a dinâmica de suas contradições em meio a oposições administradas. Conforme uma nota de Marcuse: “*Ao invés de luta de classes entre interesses irreconciliáveis e qualitativamente diversos:/competição pelos mesmos interesses essencialmente!*”²⁹ Apoiado na literatura sociológica de sua época,

²³ MARCUSE, “The obsolescence of Marxism” (1967) in MARCUSE, *Collected papers...*, vol. 6, p. 188.

²⁴ Lembremos aqui de textos de juventude que não foram publicados em nenhum volume desta coletânea, como as duas partes de “Zum Problem der Dialektik” (1930-1931).

²⁵ FAUSTO, *Sentidos da dialética. Marx: lógica e política*, p. 31.

²⁶ FAUSTO, *Sentidos da dialética. Marx: lógica e política*, p. 27.

²⁷ MARCUSE, “Zum Problem der Dialektik - I” in MARCUSE, *Schriften*, Band 1, p. 409.

²⁸ Lembremos que é com estes termos que Marcuse introduz seu *One-dimensional man* (1964): “A paralisia da crítica: sociedade sem oposição”.

²⁹ MARCUSE, “Obsolescence of Socialism” (1965) in MARCUSE, *Collected papers...*, vol. 6. Para ter uma ideia da extensão do debate, Marcuse também visa a crítica das explicações soviéticas sobre o retrocesso do impulso revolucionário nas nações centrais do capitalismo tardio. Os membros do Partido Comunista

esta seria a conclusão sobre a situação operária estadunidense, cada vez mais envolvida em uma ordem de racionalidade tecnológica própria à sociedade industrial avançada,

uma sociedade em que a mecanização da indústria em larga escala já iniciou com o estágio de automação, uma sociedade tecnicamente avançada em que, tanto para a classe trabalhadora quanto para as demais classes, o padrão de vida pode ser constantemente melhorado.³⁰

Diante do quadro em que as contradições sociais aparecem como oposições integradas, passa a ser necessário pensar novas possibilidades críticas em que o pensamento negativo possa reestruturar a experiência bloqueada em uma racionalidade das oposições integradas.

4. “Criar um, dois, três, muitos Vietnãs”

Mas o que significa esta novidade? Um abandono da dialética por parte de Marcuse? Há que ser cauteloso nesse momento. Em um contexto diverso, mas que aproxima Marcuse do melhor de nossos dias, Isabel Loureiro expressa bem a resolução marcuseana: “a ideia de negação da negação ficou obsoleta, Marcuse *dixit*, para escândalo dos marxistas ortodoxos que teimam em não perceber que o realejo da dialética já não garante a superação imanente das contradições atuais numa etapa superior.”³¹ No entanto, assim como o faz com o marxismo, Marcuse não se afirmaria dialético a despeito de sua crise? Não haveria nessa obsolescência da negação um sentido que escapa, uma promessa que ainda está por ser paga? Sobre isso, é importante a nota de Marcuse em que adverte: “a contradição *não* explode ‘por si só’: /- deixar sozinho, as tendências conflitantes podem levar antes ao fascismo do que ao socialismo.”³² Para evitar tal risco, Marcuse segue com a experiência dialética, conduzindo a crítica para suas relações elementares: as contradições internas em que estão dispostas as peças da sociedade industrial avançada.

Nesse sentido, algo que aparece brevemente nas páginas de *One-dimensional man*, sendo mais explícito anos mais tarde em *Counter-revolution and revolt*, é o papel dos

seguiam a justificativa do *Comintern* de que o Estado de bem-estar social seria um modo de “aristocratização do proletariado”, como se a classe perdesse sua essência de luta pelo conforto do capitalismo. Marcuse rejeita esta tese, inserindo o proletariado num plano de lutas global, em que as relações sociais se estruturam em um regime de oposições integradas, onde o adversário principal não é a nação inimiga, mas as forças centrífugas que recusam a todo instante o *status quo* que as torna miserável.

³⁰ MARCUSE, “Socialism in the developed countries” in MARCUSE, *Collected papers...*, vol. 6, pp. 170-171.

³¹ LOUREIRO, “Em busca do futuro perdido: a tarefa da política da nova geração”, *Rev. Inst. Estud. Bras.*, São Paulo, dez. 2014, n. 39, p. 395.

³² MARCUSE, “Socialism in the developed countries”, p. 242.

movimentos de libertação nacional no Terceiro Mundo, enquanto nova possibilidade estratégica de transição para o socialismo. Ao reexaminar o que resta do conceito de revolução no contexto unidimensional da Guerra Fria e de um marxismo em crise, Marcuse compreende que o agente da revolução se desloca no interior desse mapa geopolítico. Decerto, o camponês do Terceiro Mundo não é externo ao sistema capitalista, mas é parte do “espaço global de exploração”. Contudo, um pouco diverso dos trabalhadores sindicalizados das sociedades industriais avançadas, “os movimentos de libertação nacional são expressões das *contradições internas* do sistema capitalista global.”³³

Entretanto, é preciso atentar que a estratégia crítica adotada pela análise de Marcuse não é um deslocamento total para o Terceiro Mundo. Não se trata, pois, de adotar uma perspectiva maoísta, em que “as pequenas vilas engolem as grandes metrópoles”, conforme Marcuse sublinha em uma entrevista concedida a Peter Merseburger.³⁴ De outro modo, trata-se de considerar as lutas de libertação no terceiro mundo no plano das contradições internas em escala global.

Segundo Marcuse, não podemos pensar tais movimentos como o destino final dos sujeitos revolucionários, mas como catalisadores. Trata-se de uma metáfora química, recorrente nos textos de Marcuse.³⁵ Com ela, o autor procura lembrar que a revolução só é possível se corresponder a uma necessidade vital dos sujeitos em questão – do contrário, resta apenas o momento revolucionário como fetiche. Em breve definição, Marcuse considera que o sujeito revolucionário é a “classe ou grupo que, em virtude de sua posição ou função na sociedade, está em necessidade vital e é capaz de arriscar o que têm e o que pode tomar da sociedade estabelecida a fim de substituir este sistema.”³⁶ A catálise implica

³³ MARCUSE, “Re-examination of the concept of revolution” in MARCUSE, *Collected papers...*, vol. 6, p. 203. Sobre isso, é interessante notar uma das últimas questões do debate aberto pela conferência “The End of utopia”, também publicada nesta coletânea. Questionado sobre certa antropologia do novo homem em afirmações de combatentes anticolonialistas como Frantz Fanon (“a meta é estabelecer o homem integral na terra”) e Che Guevara (“Estamos construindo o homem do século XXI”), Marcuse responde que, embora não tenha isso desenvolvido, algo de uma nova teoria do homem vem sendo evidenciada pelas lutas de libertação e pelos métodos de desenvolvimento no Terceiro Mundo (MARCUSE, “The end of utopia” in MARCUSE, *Collected papers...*, vol. 6, p. 263). Há certa reserva nesta resposta, que indica ao mesmo tempo um distanciamento, mas também o reconhecimento do lugar destas estratégias no campo de lutas da ordem unidimensional.

³⁴ MARCUSE, “Discussion between Herbert Marcuse and Peter Merseburger on the Panorama Program of the NDR (October 23, 1967)” in MARCUSE, *Collected paper...*, vol. 6, p. 269.

³⁵ Lembremos aqui do “Political preface (1966)” de *Eros and civilization*, que compreende grupos sociais como os estudantes e os intelectuais como catalisadores internos ao sistema, correspondentes à necessidade vital por transformação social: “A recusa intelectual pode encontrar suporte em outra catálise, a recusa pulsional [*instinctual*] entre os jovens em protesto. São suas vidas que estão em jogo, e se não for por suas vidas, sua saúde mental e sua capacidade de funcionar como humanos mutilados” (MARCUSE, *Eros and civilization: a philosophical inquiry into Freud*, p. XXV).

³⁶ MARCUSE, “Revolutionary subject and self-government” (1969) in MARCUSE, *Collected papers...*, vol. 6, p. 196.

nessa dinâmica: pois são aqueles elementos que alteram toda a composição das relações sociais, evidenciando as contradições internas pelo próprio impulso de sua necessidade vital, de seu *eros* político. Em vistas da situação do sujeito revolucionário clássico (a saber, o trabalhador reconciliado na sociedade industrial avançada) seriam tais catálises elementos fundamentais para mostrar o inferno que queima ao redor do paraíso aparente das liberdades e da satisfação: são as vidas mutiladas dos jovens em guerra; as cidades e florestas da Ásia, África e América em chamas pelo Napalm; os atentados à bomba nos bairros periféricos negros das sociedades afluentes; a máquina aquecida no limite do esforço do trabalhador europeu. Dentre todas as catálises possíveis, a maior delas se apresenta nos movimentos de libertação nacional. No contexto global, o Vietnã é a possibilidade em que “um triunfo do movimento nacional de libertação pode bem ser o sinal para a ativação de tais movimentos em outras áreas do mundo – áreas mais próximas da casa onde os interesses básicos econômicos estão de fato envolvidos.”³⁷

Assim, Marcuse aposta na função catalisadora dos movimentos de libertação nacional. O que significa vislumbrar através deles a instabilidade do sistema unidimensional, a mudança de chaves no interior da lógica de integração de opostos, ao evidenciar a contradição interna em sua necessidade mais aguda. Desde este ponto catalisador, os componentes sociais transformam-se em série. É possível detectar ao menos cinco catalisadores que atingem cada vez mais o coração do sistema: os movimentos de libertação nacional, as “novas estratégias” dos trabalhadores europeus (em grande medida contrária à administração de suas lutas), os movimentos daqueles “desprivilegiados” nas sociedades afluentes, a *intelligentsia* opositora e, por fim, os movimentos de contestação nos países soviéticos (como na ex-Tchecoslováquia).³⁸ Em um plano global, quanto mais distante do *status quo*, maior é a ameaça oferecida pela catálise. A maior delas é apresentada pelos movimentos de libertação nacional, diante dos quais, “a radicalização da *intelligentsia*, especialmente entre os jovens, parece ser um evento menor.”³⁹ Menor talvez, mas não desprezível. Na dinâmica das “catálises de mudança” e seu “movimento à contrapelo” que segue das guerras na periferia em direção ao centro, o que Marcuse percebe é o movimento que recupera certa lógica de protesto, capaz de resignificar as formas de vida e, potencialmente, eclodir em uma mudança social. Quando questionado sobre o potencial revolucionário na oposição das metrópoles, Marcuse se mostra cauteloso: pois os sinais do momento indicam uma onda contrarrevolucionária, em que o sistema apresenta seus

³⁷ MARCUSE, “The obsolescence of Marxism”, p. 195.

³⁸ MARCUSE, “The obsolescence of Marxism”, p. 194. Sobre o caso da Primavera de Praga, Marcuse também considera o movimento como uma possibilidade de mudança no interior da sociedade industrial avançada e a repressão virulenta contra o movimento, como um sinal de seu potencial catalisador a ser impedido a todo custo pela contrarrevolução em nome do *status quo* (MARCUSE, “Revolution 1969: discussion with Henrich von Nussbaum (Cologne)” in MARCUSE, *Collected papers...*, vol. 6, p. 286).

³⁹ MARCUSE, “The obsolescence of Marxism”, p. 195.

limites e, nesse sentido, o destino dos catalisadores é o enfrentamento cada vez mais duro contra uma ordem que procura se defender a todo custo.⁴⁰

Talvez, o que Marcuse queira indicar com os catalisadores seja dizer que não basta a estratégia guevarista (compartilhada entre muitos maoístas), de se criar “um, dois, três, muitos Vietnãs”. Embora importante, considerar estes movimentos como catálises evita reduzir o sucesso revolucionário por qualquer mensuração quantitativa. Algo que Marcuse já pressente no que considera ser insuficiente na formulação leninista “um passo atrás para dar dois à frente” (o que podemos estender nos “muitos” passos à frente – sem recuos – de Che Guevara). No atual quadro contrarrevolucionário, afirma Marcuse para Rudi Dutschke: a estratégia deixa de ser “passos quantitativos para frente, mas um salto qualitativo.”⁴¹

Assim, em contraste com os modelos tradicionais de revolução, pensar as transformações sociais a partir das catálises remete à tonalidade qualitativa da questão. A despeito da quantidade de Vietnãs a serem criados, a estratégia marcuseana passa por evidenciar a *qualidade* desta luta por libertação: uma dialética revisitada pela negação da Grande Recusa que nos faz compreender o quanto o Vietnã é inerente às contradições que vivemos e, a partir de tal plataforma, conferirmos o “salto” correspondente a uma politização que vem “de baixo”:

a luta por um modo diverso de construção socialista, uma construção que vem “de baixo”, mas de um “novo de baixo” não mais integrado ao sistema de valores das velhas sociedades – um socialismo de cooperação e solidariedade, onde homens e mulheres determinam coletivamente suas necessidades e metas, suas prioridades e o método e o caminho de ‘modernização’.⁴²

Um modelo certamente utópico, porém concreto, uma vez baseado nas experiências contemporâneas e seus conflitos. Algo que está em harmonia com as estratégias críticas apresentadas nos volumes dos *Collected Papers*. Pois, como afirma Peter Marcuse sobre o conjunto de artigos de seu pai publicados nesta coletânea, o trabalho editorial de Kellner e sua equipe avançam na tentativa de mostrar a interconexão

⁴⁰ De acordo com Marcuse, “na época atual, as contradições do capitalismo são maiores do que nunca. Elas podem estar suspensas e administradas, mas há limites para esta suspensão e administração. Portanto, acredito que nosso tempo é, de fato, um tempo revolucionário objetivo. Precisamente por conta disto, os sistemas existentes estão armados até os dentes” (MARCUSE, “Revolution 1969: discussion with Henrich von Nussbaum (Cologne)”, p. 286.

⁴¹ MARCUSE, “Correspondence with Rudi Dutschke” (1970-1972) in MARCUSE, *Collected Papers...*, vol. 6, p. 337.

⁴² MARCUSE, “Re-examination of the concept of revolution”, p. 202.

marcuseana de conflitos econômicos, políticos e culturais, tendo o “marxismo como ferramenta, a revolução como meio e a utopia como fim.”⁴³

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDERSON, Kevin B. & ROCKWELL Russel. (ed.). *The Dunayevskaya-Marcuse-Fromm correspondence (1954-1978): dialogues on Hegel, Marx and critical theory*. London: Lexington Books, 2012.

ARANTES. Paulo E., *O novo tempo do mundo e outros estudos sobre a era da emergência*, São Paulo: Boitempo, 2014.

BRETAS, Aléxia, “Resenha: Collected Papers of Herbert Marcuse. Art and liberation” in *Trans/form/ação*, vol. 30, n. 2, Marília, 2007. No site http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-31732007000200018&script=sci_arttext (visitado em 20/05/2015).

CARNEIRO, Silvio R. G., “Resenha – Collected Papers of Herbert Marcuse. Philosophy, Psychoanalysis, and emancipation” in *Cadernos de ética e filosofia política*, n. 20, pp. 185-193.

FAUSTO, Ruy. *Sentido da dialética – Marx: Lógica e política*, São Paulo: Ed. Brasiliense, 2015.

KELLNER, Douglas M., *Herbert Marcuse and the crisis of Marxism*, London: U. California Press, 1984.

KOSELLECK, Reinhart, *Crítica e crise: uma contribuição à patogênese do mundo burguês*, trad. Luciana V-B Castelo-Branco, Rio de Janeiro: EdUERJ, Contraponto, 1999.

LOUREIRO, Isabel, “Em busca do futuro perdido: a tarefa da política da nova geração”, *Rev. Inst. Estud. Bras.*, São Paulo, dez. 2014, n. 39, pp. 389-396.

MARCUSE, Herbert, *Reason and Revolution - Hegel and the Rise of Social Theory*, N. York: Oxford University Press, 1960.

_____. *Eros and Civilization - A Philosophical Inquiry into Freud*, Boston: Beacon Press, 1966.

_____. *An Essay on liberation*, Beacon Press: Boston, 1969

⁴³ MARCUSE, Peter. “Afterwords” in MARCUSE, *Collected papers...*, vol. 6, p. 434.

- _____. Counterrevolution and revolt, Boston: Beacon Press, 1972
- _____. The Aesthetic Dimension: Toward a Critique of Marxist Aesthetics, Boston: Beacon Press, 1978.
- _____. Collected Papers of Herbert Marcuse. Technology, War and Fascism, vol. 1, Douglas Kellner (ed.), London, New York: Routledge, 1998.
- _____. Tecnologia, Guerra e Fascismo, trad. Maria C. V. Borba, S. Paulo: Edunesp, 1999
- _____. Collected Papers of Herbert Marcuse: Towards a Critical Theory of Society, vol. 2, Douglas Kellner (ed.), London, New York: Routledge, 2001.
- _____. One-dimensional man: Studies in the ideology of advanced industrial society, London, New York: Routledge, 2002.
- _____. Schriften (9 Bände), Lüneburg: Zu Klampen, 2004.
- _____. Collected Papers of Herbert Marcuse. The New Left and the 1960s, vol. 3, Douglas Kellner (ed.), London, New York: Routledge, 2005.
- _____. Collected Papers of Herbert Marcuse. Art and Liberation, vol. 4, Douglas Kellner (ed.), London, New York: Routledge, 2007.
- _____. Collected Papers of Herbert Marcuse. Philosophy, psychoanalysis and emancipation, vol. 5, Douglas Kellner and Clayton Pierce (ed.), London, New York: Routledge, 2011.
- _____. Collected Papers of Herbert Marcuse. Marxism, Revolution, and Utopia, vol. 6, Douglas Kellner and Clayton Pierce (ed.), New York: Routledge, 2014.
- PRADO Jr., Bento, "Entre o Alvo e o Objeto de Desejo: Marcuse, Crítico de Freud" in Filosofia e Psicanálise, São Paulo: Brasiliense, 1990.